

A ESTÂNCIA SANTIAGO
DA GRANDE ESTÂNCIA MISSIONEIRA DE YAPEYU
THE ESTANCIA SANTIAGO
OF THE GREAT MISSIONARY ESTANCIA OF YAPEYU

José Afonso de Vargas¹

Pedro Ignacio Schmitz²

Resumo

Em meados do século XVIII cada uma das 30 reduções da Província Jesuítica do Paraguai tinha sua estância de criação de gado para abastecer de carne a respectiva povoação. A grande estância da *Reducción de Nuestra Señora de los Reyes Magos de Yapeyú* se localizava entre o rio Uruguai e o rio Ibirapuitã, o rio Ibicuí e o rio Negro. A estância era o instrumento de reocupação do território após as expedições bandeirantes na região do Tape terem afugentado os guaranis e os Jesuítas para a margem ocidental do rio Uruguai. A expulsão fez que o gado criado nessas primeiras reduções se dispersasse para os campos da margem meridional do rio Ibicuí, onde ficou disperso por um período aproximado de meio século. Ao território ocupado por este gado *chimarrón* deu-se a denominação de Vacaria do Mar, por ser visto até próximo ao litoral atlântico. O nome “Grande Estância de Yapeyú” identifica um conjunto de instalações distribuídas pelo território acima indicado, para reunião, criação e manejo do gado, que era preparado para alimentação ou serviço nas reduções. A denominada Estância Santiago era a maior destas instalações. Seus remanescentes permitem reconstituir as estruturas de manejo, compostas por uma construção central, 3 currais, 3 poteiros e o local do alojamento dos índios. Em nosso trabalho a Estância Santiago é estudada pela ótica da arqueologia histórica, não interventiva, buscando compreender as estruturas materiais remanescentes através de observação, uso de fotografia e imagem de satélite.

Palavras-Chave: Economia missioneira. Grande Estância de Yapeyú. Arqueologia não interventiva.

¹ Mestre em História pela UNISINOS. E-mail: afonso_var@hotmail.com

² UNISINOS, Pesquisador sênior do CNPq. E-mail: anchietano@unisinós.br

Abstract

Around the middle of the 18th Century, each of the thirty reductions (indigenous settlements) of the Jesuit Province of Paraguay had its own *estancia* or cattle ranch, which supplied meat to the inhabitants of that settlement. The large estancia of the reduction at Ypayu, called the *Reducción de Nuestra Señora de los Reyes Magos de Yapeyú*, was situated between four rivers: the rio Uruguai to the west, the rio Ibirapuitã to the East, the Ibicui river to the north, and the rio Negro to the South. The estancia was the means of reoccupation of the territory after the expeditions of the bandeirantes - groups of Portuguese pioneers - in the Tape region had pushed the Guarani Indians and the Jesuits to the west bank of the Uruguai river. As a result of this expulsion, the cattle reared at these early reductions were dispersed to the fields on the south banks of the Ibicuí river, where they remained dispersed for around half a century. The territory occupied by this *chimarrón* cattle was given the name of Vacaria do Mar (Sea Cattle), as it could be seen almost as far as the Atlantic coast. The name “Grande Estância de Yapeyú” – the Great Estancia of Yapeyu – refers to a set of installations distributed across the aforementioned territory, used to corral, breed and rear the cattle, which was then prepared for food or service in the reductions. The largest of these installations was called the Estancia Santiago, and its remains enable us to reconstruct the cattle rearing structures, consisting of a central building, three corrals, three grazing fields, and the accommodation quarters of the Indians. In this work, the Estancia Santiago is studied from the perspective of non-interventional historical archeology, seeking to understand the remaining material structures through observation and the use of photography and satellite imagery.

Keywords: Missionary economics. Grande Estância de Yapeyú. Non-interventional archeology.

Introdução

Desde a primeira metade do século XVII, os jesuítas traziam gado para cada uma das reduções que iam fundando na bacia do Rio da Prata. Eram poucas cabeças, compradas de estancieiros castelhanos e destinadas a cobrir variadas necessidades, desde a produção de leite, de carne e de tração, mas incapazes de se reproduzir adequadamente por conta da instabilidade dos assentamentos, assolados por bandeirantes paulistas, obrigados a contínuas mudanças de lugar.

Essa situação se estendeu por toda a primeira metade do século XVII. Apenas na segunda metade do século, as reduções conseguem alguma estabilidade nas estruturas construídas e na população, com o que surge a necessidade de organizar um abastecimento alimentar adequado e autônomo. Soluções precárias são a compra de gado dos estancieiros castelhanos, pecuniariamente onerosa, e a caça de gado solto na Vacaria do Mar, trabalhosa e pouco eficiente por sua distância dos núcleos povoados e pela dispersão do gado.

Na passagem do século, pensando-se numa solução, a *Reducción de Nuestra Señora de los Reyes Magos de Yapeyú*, fundada em 1627, ainda pequena, é encarregada de uma primeira estruturação do abastecimento de carne para si e para outras reduções. Organiza-se, assim, uma estância na margem oriental do Rio Uruguai, localizada entre os rios Uruguai e Ibirapuitã, Ibicuí e rio Negro. Inicialmente aprovionada com gado comprado e, cada vez mais, com animais caçados na Vacaria do Mar. Só depois, na década de 1690, vai possuir criação própria, alcançando 80.000 cabeças.

A redução estava localizada na margem ocidental do rio, mas a estância foi implantada na margem oposta. O leito do rio é ali dividido pela grande ilha de Yapeyú em dois canais relativamente rasos, resultando num vau de fácil transposição para pessoas e animais. No início do século XVIII, junto com o crescimento do povoado, que, de 2.328 habitantes em 1711 passou a 8.510 em 1768, a estância se firmou e durante o século foi adquirindo administração e estruturas estáveis. Era a maior e mais popular estância de criação das reduções dos guaranis, alcançando centenas de milhares de animais. Na medida em que as outras reduções constituíram estâncias próprias, a Grande Estância de Yapeyu passou a atender principalmente a seu próprio povoado.



Figura 1: A Grande Estância de Yapeyú, principais instalações e limites. Fonte: Vargas, 2014, p. 45.

A partir de 1725, quando as reduções foram modernizadas, transformando choupanas com armação de canas revestidas de barro em casas de alvenaria (FURLONG, 1962. p 237), as estâncias acompanharam, em certa medida, a nova técnica construtiva. As ruínas da Estância Santiago que representam a estrutura como ela seria ao tempo da expulsão dos jesuítas, na segunda metade do século XVIII, apresentam indícios claros dessa nova tecnologia adaptada às condições e ao ambiente locais.

A Estância Santiago é uma das várias instalações de manejo de gado da grande estância de criação do povoado de Yapeyú, provavelmente a maior e a mais importante. Distribuídas pelo campo em distâncias regulares, havia outras instalações parecidas de manejo de gado e, na entrada do vau do rio, que ligava com o povoado, estava o Passo do Aferidor, lugar de controle e negociação do gado produzido, cujo prédio está conservado e serve de moradia para o atual proprietário. Ele é objeto de outro artigo. Outras estruturas já estão sendo pesquisadas.

Os dados principais desta introdução foram colhidos na dissertação do primeiro autor (Vargas, 2014), que, em seu estudo, se apoia principalmente em Furlong (1962), Mörner (1968) e Maeder & Gutierrez (1995) para a história das reduções jesuíticas entre os guaranis da bacia do Rio da Prata; em Bruxel (1960 e 1961) e Carbonell (1989 e

1992) para a história do gado e das estâncias; em Vadell (1978) para a história da estância.

O texto a seguir é uma nova versão do capítulo IV da dissertação.

O objetivo do artigo é apresentar e contextualizar as estruturas materiais da Estância Santiago em seu atual estado de conservação.

O sítio Estância Santiago

A Estância Santiago localizava-se a $29^{\circ}31'06.14''S - 56^{\circ}42'30.59''W$, atual distrito de João Arregui, município de Uruguaiana, RS, em campo ondulado com abundante água disponível em banhados e arroios, com cordões de mata ao longo dos cursos de água e capões distribuídos pelo campo. Ela estava ancorada no arroio Puitã através de seus poteiros; a antiga sede estava sobre pequena elevação próxima. A desembocadura do arroio Puitã no rio Uruguai dista nove quilômetros.

A antiga estância encontra-se na Fazenda Santa Rita, de propriedade de Jorge Omar Borges Ferreira.

Hoje, ela está representada pela base de paredes de um prédio como sede do empreendimento e por vestígios de currais e poteiros, lugares de manejo do gado mantido nos campos próximos. Um lugar de vegetação modificada na frente do prédio poderia estar indicando o lugar dos ranchos das famílias indígenas encarregadas do manejo do gado.

Teria havido um segundo prédio, afastado do primeiro, mas dele só existe uma “sombra” numa pequena área com grama. Até o início da década de 70 do século passado, segundo depoimento oral de um arrendatário, ali teria havido um prédio com paredes de pedra e cobertura de telha, semelhante ao existente no Passo do Aferidor (Vargas, 2014). Ele teria servido de moradia para o arrendatário que, mais tarde, o teria transformado em escola. Na década de 70, temendo a possibilidade de as estruturas em pedra serem tombadas como patrimônio histórico, o proprietário teria desmontado o prédio.

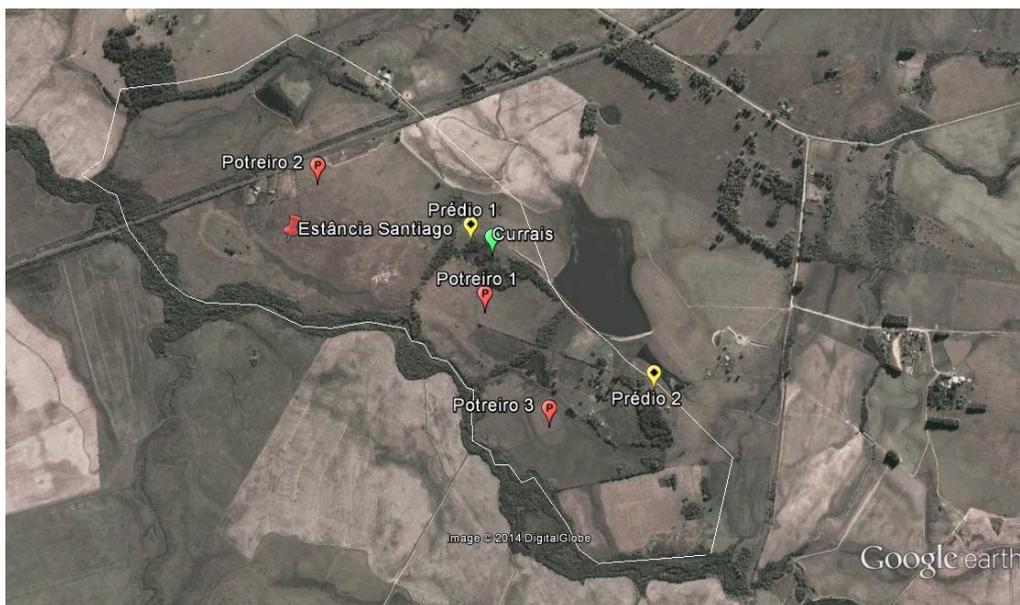


Figura 2: Localização das estruturas da Estância Santiago. Fonte: Google Earth, modificado pelos autores.

O conjunto de vestígios está suficientemente preservado para dar uma visão do que teriam sido as estruturas dessa estância jesuítica. As características de construção do prédio, dos currais e potreiros são claramente da tradição construtiva introduzida nas reduções a partir do segundo quartel do século XVIII.

Os restos da antiga estância encontram-se numa baixa colina e compõem-se das bases de uma construção com dois compartimentos, de três currais conservando as bases de taipas de pedra, e de três potreiros delimitados por canais de água, vegetação arbórea e eventuais taipas de pedra. A casa e os currais de pedra estão cobertos por mata baixa e aberta; o interior dos potreiros é formado pela grama do campo. Na frente do prédio existe um espaço delimitado com vegetação diferente, que seria o local de arranchamento dos guaranis encarregados do manejo do gado.

A pesquisa do primeiro autor começou em 2006, quando percorreu todo o espaço e fotografou as taipas de pedra, sem qualquer intervenção no terreno. Antes disso ninguém se tinha envolvido em pesquisá-las.

Em 2007 alguém se interessou pelos muros de pedra da casa, limpou todo o espaço 2 retirando o sedimento até 0,40 m de profundidade, abriu uma trincheira externa ao longo da lateral esquerda da construção e decapou um espaço ao longo da parede do lado direito. Na frente da construção existem dois acúmulos de terra e pedra que podem ter sua origem nessas intervenções.

Em junho de 2012, o primeiro autor voltou às ruínas para novo levantamento fotográfico. Em janeiro de 2013 para uma topografia das ruínas, da qual resultou o croqui apresentado mais adiante. Em nenhum momento houve interferência nas paredes e no solo.

Por ocasião da 12ª Semana da Paz, evento tradicionalista promovido pelos Centros de Tradição Gaúcha, em Uruguaiana, que se baseia em uma cavalgada do interior do município para o centro da cidade, e culmina com uma missa na Catedral, foi posta na ruína uma placa de madeira com a cruz missioneira e os seguintes dizeres: “12ª SEMANA DA PAZ. 05 a 10 de março de 2008. Coxilha de Yapeyú. Berço da pecuária uruguaianense.”

A não interferência nas estruturas e no solo não tira do presente trabalho a característica arqueológica da pesquisa. A observação, as fotos digitais e as imagens de satélite forneceram todos os documentos necessários para uma caracterização neste primeiro momento da investigação.

A apresentação se divide em quatro itens: o prédio, os currais, os poteiros, o lugar do arranchamento dos índios.

O Prédio

O prédio está em terreno plano, coberto por mato bem aberto e o chão só com vegetação herbácea muito rala. As ruínas não estão cercadas e permitem a entrada do gado da fazenda atual.

A fachada volta-se para o noroeste, para o campo onde passa a antiga estrada para o Passo do Aferidor, o qual dista oito quilômetros. Em sua frente existe um espaço cercado no qual estaria a morada dos guaranis missioneiros encarregados do manejo. Os fundos do prédio dão para os currais. Os poteiros cercam um lado deste núcleo.

As paredes do prédio apresentam altura máxima de 0,35 a 0,40 m, que seria sua altura original, e uma largura ao redor de 0,60 m. Elas são feitas de blocos e lajes de basalto local. Estes muros não seriam mais que as fundações, ou a parte inferior de paredes de adobe (FURLONG, 1962, p. 243). O prédio se divide em dois espaços. O espaço 1 é retangular, mede 9,57 m por 9,05 m e mantém muros bem construídos nos quatro lados. O espaço 2, também retangular, mede 6,80 por 9,05 m e conserva muros de pedra em três lados, havendo no quarto indícios de uma parede mais frágil que poderia ter sido de pau-a-pique. Os muros conservados sugerem que se trata de uma

mesma construção, embora o encontro das paredes do espaço 1 com as do espaço 2 indique alguma descontinuidade construtiva.

Não existe nenhum indício de piso consolidado, com lajes ou ladrilhos. Também não há telhas. Não se encontrou nenhum lixão, nem artefatos cerâmicos e líticos espalhados. As intervenções feitas por um curioso em 2007 também não expuseram nenhum material.

Todas as paredes apresentam certa conservação. Em todas existem espaços desmoronados: na parede da frente, junto ao canto C; dois locais na parede do fundo do espaço 1; grande parte da parede do fundo do espaço 2; pequenos locais na parede lateral direita do espaço 2; dois locais na parede entre os dois espaços (Figura 3).

A técnica de construção utilizou a sobreposição horizontal de lajes ou uma trama de blocos maiores, com os interstícios preenchidos por fragmentos menores e barro. Na parte superior dessa parede costuma haver grandes blocos regulares, de faces aplanadas, que serviriam de base para instalar o adobe formador da parede propriamente dita. As paredes foram levantadas sobre o chão, em valeta rasa. Especialmente os cantos foram mais bem trabalhados para dar segurança à estrutura e ainda foram assentados sobre blocos maiores por debaixo do nível geral do assentamento da parede. As paredes conservadas são realmente as bases de paredes de adobe, que defenderiam contra erosão pela chuva. Furlong (1962, p. 243) fala que, nas reduções, essas bases teriam ao redor de uma vara de altura.

O croqui mostra a distribuição dos espaços, seu tamanho, o estado de conservação das paredes e a sequência das fotografias.

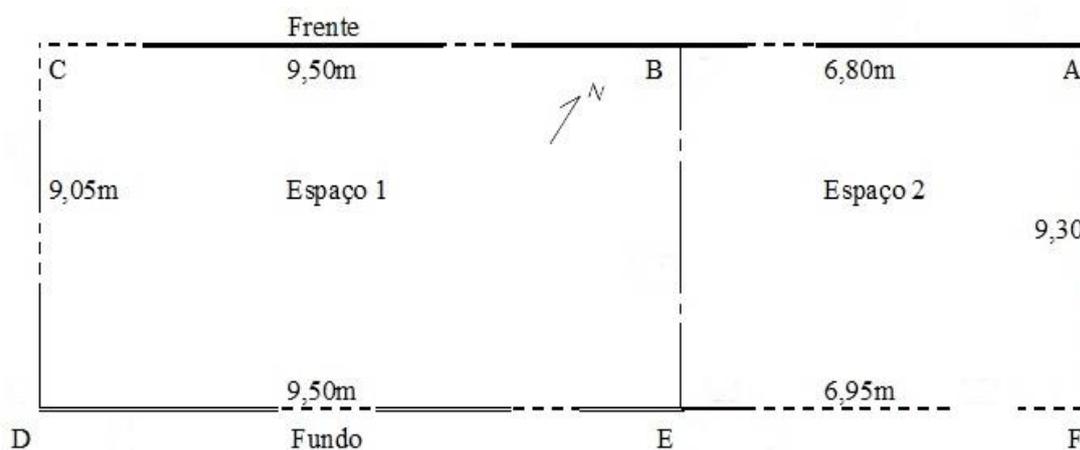


Figura 3: Planta da estrutura de pedra do prédio. Fonte: Vargas, 2014, p. 50.

No croqui, os traços contínuos indicam os muros preservados, e as linhas pontilhadas representam os muros desmoronados ou aberturas.

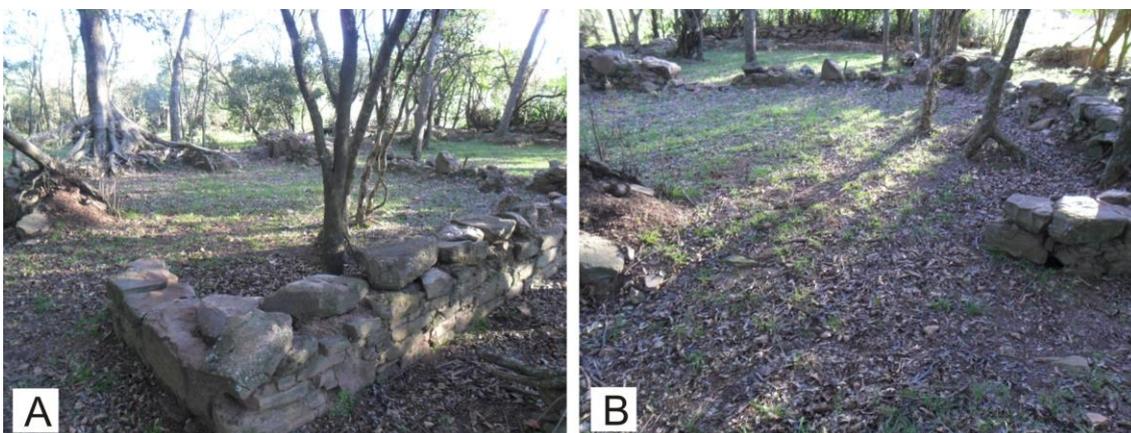


Figura 4: Duas vistas do que resta do prédio, tendo em primeiro plano o espaço 2. Fonte: Vargas, 2014, p. 50 e 59.

A imagem “A” mostra o encontro da parede da frente (lado direito da foto) com a lateral do espaço 2 (lado esquerdo) junto ao canto A; no centro, todo o espaço 2. A parede lateral mostra uma interrupção no muro, que pode ser uma grande entrada. No canto superior direito da foto, o espaço 1.

A imagem B mostra, em primeiro plano, a grande entrada na parede lateral do espaço 2; ela liga o prédio com o exterior, em direção aos currais. Na parede que separa o espaço 1 do espaço 2, no fundo da foto, se percebe outra abertura, menor, que possibilitaria a comunicação entre os dois espaços.

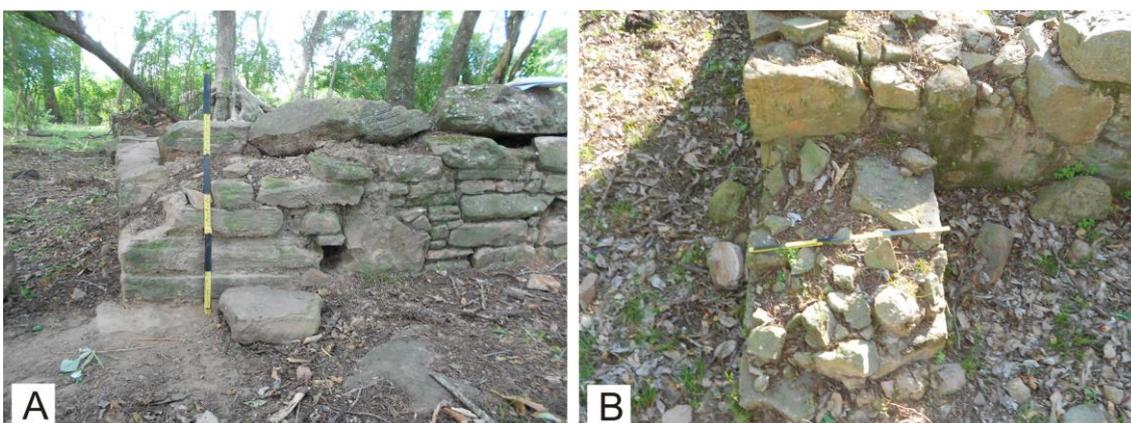


Figura 5: Detalhes da técnica de construção. Fonte: Vargas, 2014, p. 52 e 56.

A imagem “A”, do Canto A (ver croqui), mostra a forma da construção das paredes e a consolidação das esquinas com grandes blocos talhados, que se assentavam num bloco ainda maior para garantir estabilidade. Furlong (1962, p. 240) escreve que os ângulos das construções missioneiras estavam assentados sobre grandes blocos trabalhados.

A imagem “B” deixa evidente a técnica de construção da parede, com blocos externos e preenchimento do espaço interno com pedras menores.



Figura 6: Duas vistas da parede do fundo. Fonte: Vargas, 2014, p. 57 e 55.

A imagem “A” mostra que a parede do fundo do espaço 2 (entre os pontos E e F do croqui) não tinha a base de pedra, mas talvez de pau-a-pique ou adobe; ela ficou materializada somente pelas raízes da figueira que cresceram apoiadas nela; de seu desmoronamento sobraram pequenos seixos e barro.

A imagem “B” mostra o encontro do ângulo E, dos fundos do espaço 1, com a parede de fundo do espaço 2, que começa em pedra e depois se transforma em pau-a-pique como mostra a imagem “A”. O encontro das duas paredes indica descontinuidade na construção dos dois espaços do prédio.

Como se viu, o prédio se compunha de um compartimento maior, que seria a parte da administração, e de um compartimento menor, que se pode supor local de depósito de ferramentas e material. No primeiro se realizaria a administração da estância e se tomariam as decisões diárias do serviço. Nele se hospedaria o padre ou irmão em visita de inspeção ao lugar e se realizariam serviços religiosos ocasionais.

Mas ele não seria a residência do administrador indígena, que ficaria no arranchamento em frente ao prédio.

A construção tinha alguma solidez, com a parte inferior das paredes em pedra, a parte superior em adobe, o telhado de palha, o piso de terra, a abertura grande dava para os currais e uma menor ligava os dois espaços; não se reconhecem outras aberturas. Nada sabemos da estruturação interna dos espaços, nem dos utensílios.

Na frente do prédio existe uma superfície retangular com três lados formados, respectivamente, por um muro de pedra, um mato e uma fileira de blocos rochosos superficiais, acompanhados por árvores, que poderia ser o local do arranchamento das famílias dos índios missioneiros encarregados do manejo do gado.

A 61 metros a leste do prédio estão os três currais de pedra.

Os Currais

Os currais são as estruturas diretamente ligadas ao manejo do gado do campo e dos animais domésticos a serviço das famílias dos guaranis destacados para o serviço, que faria pequena comunidade.

Há três currais, inteiramente cercados por bases de taipas de pedra: um retangular e dois circulares. O retangular mede cinquenta metros de frente, 43,60 m de fundo e 44,50 m de lado; ele encosta no curral circular, que mede 34 m de diâmetro. O terceiro curral, também circular, mede 65 m de diâmetro.

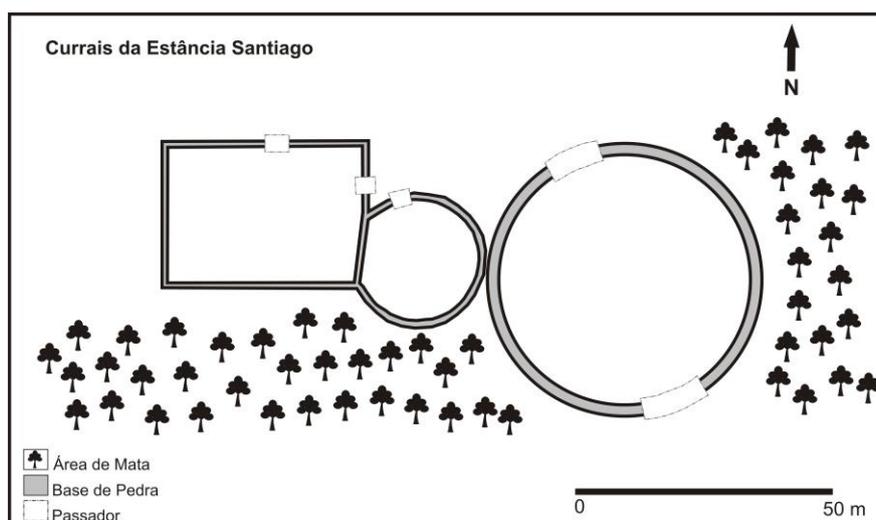


Figura 7: Croqui dos Currais. Fonte: Vargas, 2014, p. 62.

O curral retangular tem na parte frontal uma entrada de 3,60 m, que dá para o campo aberto; na lateral esquerda, uma entrada menor. No que seria o canto esquerdo, ele emenda com o curral circular menor através de um muro de pedra, muro aparentemente sem abertura. A passagem para esse curral seria feita junto à entrada menor do curral retangular, onde existe pequena interrupção no muro. Nenhum desses currais têm abertura para o potreiro 1, que está no fundo, mas só para o campo. O grande curral circular tem duas grandes aberturas opostas: uma o liga ao campo; a outra o abre para o potreiro 1: esta seria a entrada e o controle do potreiro 1.

As cercas da frente, do lado esquerdo e do fundo do curral retangular, têm paredes duplas de pedras, com um espaço não preenchido no meio delas (Figura 8). A parede lateral direita e a que une o curral menor com a parede da esquerda, bem como a de fundo parecem de uma só fileira de pedras.

As cercas existentes apresentam a altura de uma pedra e a impressão é de que elas nunca foram mais altas do que isso. A esquina (Figura 8-A) e o umbral de uma entrada (Figura 8-B) são reforçados por blocos maiores. Blocos muito grandes, deitados, formam também a cerca de fundo do curral (Figura 9) que dá para o campo aberto. Eventualmente um grande bloco pode reforçar alguma outra parede.



Figura 8: Cercas do curral retangular: A – esquina da parede da frente com a do lado esquerdo, reforçada com grande bloco em pé; B – vista da mesma parede lateral esquerda, na direção contrária, com o bloco erguido agora no fundo, mostrando em primeiro plano o reforço da parede junto à abertura lateral que dá para o campo perto da entrada para o pequeno curral circular. Fonte: Vargas, 2014, p. 63 e 64.



Figura 9: Grandes blocos na base da cerca de fundo do curral retangular, que limita com o campo; o vão entre as duas paredes é de 0,60 m. Fonte: Vargas, 2014, p. 65.

As cercas dos **currais circulares** também são de paredes duplas (Figura 10-A) e apresentam aberturas com reforço (Figura 10-B).

O que representam as paredes duplas com altura de apenas uma pedra? Não há indícios de que tenha havido mais pedras em cima destas. Em outras instalações da Grande Estância de Yapeyú há taipas inteiramente construídas com pedras, provavelmente porque havia afloramentos rochosos na proximidade, o que não parece ter ocorrido na Estância Santiago. Suas cercas poderiam ser de adobe, implantado sobre as bases de pedra existentes, mas para protegê-lo da erosão seria necessário fazer-lhes uma cobertura; pau-a-pique ou estacada de troncos, usando as estruturas existentes para consolidar a base e os grandes blocos das esquinas e aberturas para garantir os ângulos mais expostos. Junto às paredes simples provavelmente também haveria uma estacada de troncos.

Quando havia disponibilidade de material na proximidade, toda a altura da cerca podia ser construída com pedra, as paredes laterais a prumo e o espaço interno preenchido com pequenos blocos ou seixos, ou também com uma estacada de madeira. A Figura 10-B é um exemplo de como seriam construídas as paredes quando havia disponibilidade de pedras. O fato de que numerosas árvores da mesma espécie cresceram no meio da parede é um convite para pensá-las como remanescentes de uma

antiga estacada de troncos, alguns dos quais teriam criado raízes e se desenvolvido como árvores.

No interior desse antigo curral de pedras existe uma cerca de madeira que serve para apartar animais de dentro do recinto maior. Na Estância Santiago isso poderia ser feito usando complementarmente o curral retangular e o pequeno circular anexo.



Figura 10: Cercas de currais circulares: A – base da cerca do grande curral circular, com 1,20 m de espaço entre uma parede e outra. B - Curral circular da Estância Minuano em Aceguá, RS, como amostra atual de um curral missioneiro. Fonte: Vargas, 2014, p. 66 e 67.



Figura 11: Uma das entradas do grande curral circular. O lado direito mostra reforço da parede junto à entrada; no lado esquerdo ele está mais disfarçado. Fonte: Vargas, 2014, p. 67..

Os Potreiros

Na maior parte do tempo, o gado da estância ficaria disperso nos pastos. Os potreiros seriam usados para reunir animais para algum procedimento, como controle de saúde, contagem de fêmeas e crias, apartamento para comercialização. Ali permaneceriam os animais ligados às lides da casa e do campo, como cavalos de montaria, bois de tração, vacas de leite, animais menores como ovelhas e cabras.

Na estância havia três potreiros de diferentes tamanhos, adjacentes às estruturas formadas pelo prédio, e os três currais. Todos se estendiam até o arroio Puitã, de águas permanentes, garantindo abastecimento seguro para o gado confinado.

O Potreiro 1

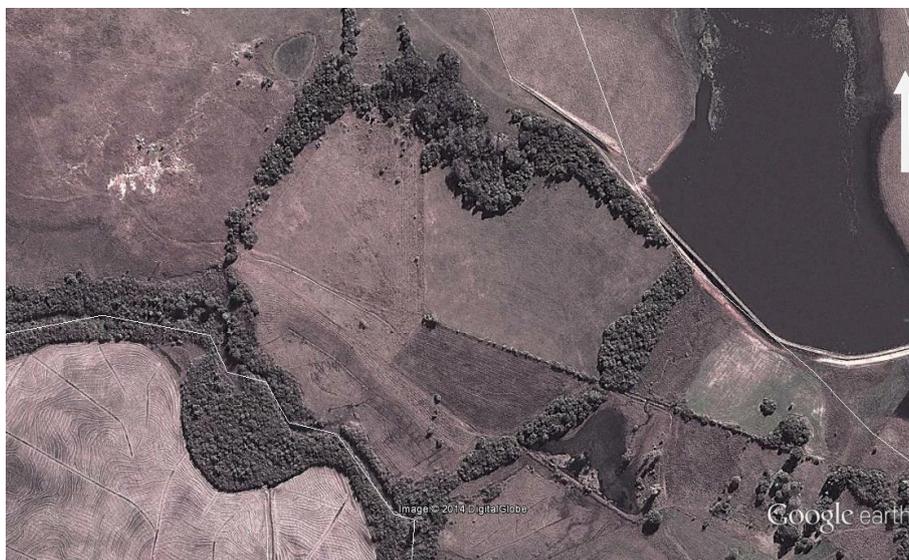


Figura 12: O potreiro 1 com seus limites formados por vegetação de arbustos e o arroio Puitã na parte inferior. Fonte: Vargas, 2014, p. 69.

O potreiro ficava na retaguarda dos currais de pedra e era o espaço em que os animais seriam reunidos para manejo. A superfície é de aproximadamente dois hectares, com bons pastos e disponibilidade de água, que possibilitariam manter, por mais tempo, uma pequena quantidade de animais.

A maior parte de seus limites é formada por valas de aproximadamente 1,50 m de largura, acompanhadas de pequenas árvores; no lado oeste atualmente essa vala está seca, por ser a parte mais alta e pedregosa do terreno. O limite Sul é formado pelo arroio Puitã, cujas margens estão cobertas por vegetação densa, que não permite travessia. O lado Norte é, em grande parte, ocupado pelos currais. Não havia necessidade de nenhum

outro muro de pedra para deixar o potreiro bem fechado. A única entrada era pelos currais.

A área interna do potreiro apresenta, na atualidade, uma variação de pastagem: a mais próxima dos currais tem vegetação alta, tomada por espinheiros e não é utilizada para pastagem. A fração de campo mais próxima ao arroio Puitã tem pastagem rasteira verde, utilizada para a alimentação do gado. O gado do potreiro teria acesso à água permanente no arroio Puitã.



Figura 13: O Arroio Puitã. Fonte: Vargas, 2014, p. 70 e 71.

O Potreiro 2

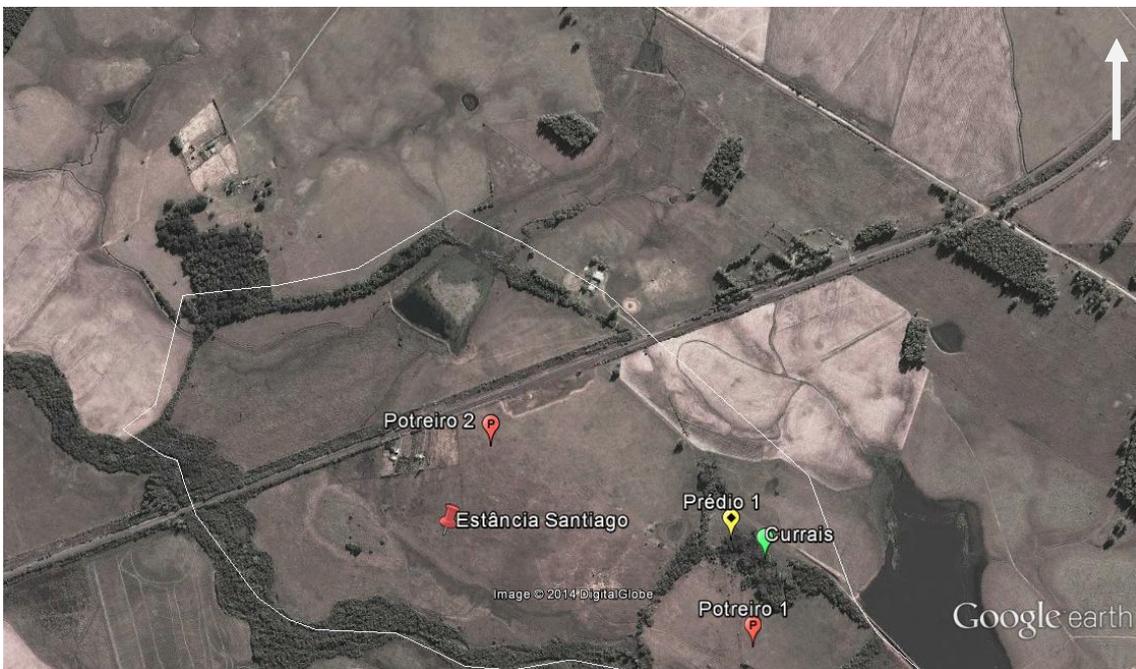


Figura 14: O potreiro 2, cortado pela BR 472. Fonte: Vargas, 2014, p. 72.

O potreiro 2 limita-se com o potreiro 1, está localizado à esquerda deste e começa a cinquenta metros do prédio. A superfície é de aproximadamente oito hectares.

O limite Norte é formado por valas rasas, que estão secas; o limite Oeste, por valas fundas com água; o lado Sul, pelo arroio Puitã. Existem vestígios de muro no lado Norte perto da entrada e no lado Oeste num espaço sem vala, os quais mantêm características das cercas de pedra dos currais. Todos os elementos que formam os limites acima indicados estão acompanhados por árvores. A entrada do potreiro era no lado Norte, distante uns setenta metros do prédio.

A parte mais próxima do prédio é alta e pedregosa; a parte oposta é mais baixa e mais úmida. O pasto é limpo em toda a extensão.

Boa disponibilidade de água para o gado havia no Arroio Puitã e em um afluente deste, junto ao limite Noroeste e em um açude no setor Nordeste.

Este potreiro poderia reunir, por períodos curtos, até mil animais. Ele não tem ligação direta com os currais de pedra.

O Potreiro 3



Figura 15: O potreiro 3 com sua cerca de pedra na parte inferior da imagem. Fonte: Vargas, 2014, p. 75.

Este espaço não está tão claramente definido como os poteiros anteriores. No lado Norte ele limita com o poteiro 1; no Leste, é formado por um largo e denso mato e parte de uma cerca de pedra, que também cobre todo o Sul; o Oeste é o Arroio Puitã. Atualmente o canto Nordeste está aberto, sem mato, vala ou muro.

O poteiro tem um pouco mais de quinhentos metros de diâmetro e mantém características semelhantes às dos outros poteiros.

A cerca de pedra apresenta as características das cercas dos outros poteiros, mas está mais conservada.

O arranchamento dos índios



Figura 16: Na parte central da foto, o espaço cercado por árvores em frente do prédio, onde estaria a moradia das famílias indígenas. Fonte: Vargas, 2014, p. 76.

O espaço em frente do prédio é um quase retângulo de 5.697 m², que liga a estância com o campo onde passa o caminho do Passo do Aferidor. O espaço é limitado no lado esquerdo pela cerca de pedra do poteiro 2, no lado direito por um alinhamento de blocos, acompanhados por uma fileira de árvores. Nesse espaço estariam instaladas, em construções de pau-a-pique ou palha, as famílias dos índios missionários encarregados da estância. Na imagem de satélite da Figura 15 é possível observar, no centro da área cercada, uma faixa alongada de vegetação diferente e mais alta que a do

campo. Os documentos jesuítas insinuam que nas estâncias moravam, por turnos, diversas famílias com seu respectivo cacique, reproduzindo, tanto quanto era possível, as condições da missão.

Considerações finais

As reduções dos guaranis da Província Jesuítica do Paraguai desde o começo buscaram autossuficiência no abastecimento. Junto à povoação plantavam alimentos, algodão para produção de vestuário, erva-mate para o indispensável chimarrão tão logo dominaram a técnica de germinação, ali criavam pequenos animais e mantinham animais maiores de serviço ou de reprodução manipulada. A produção de carne para abastecer populações crescentes era o grande desafio. A caça no mato e a pesca nos arroios próximos aos povoados eram pouco produtivas. Não era possível criar rebanhos no entorno das povoações onde se plantava. Comprar animais para consumo seria insustentável. Uma experiência inicial, trabalhosa e não muito eficiente, foi reunir animais dispersos na Vacaria do Mar. Essa experiência foi aperfeiçoada mantendo animais ali arrebanhados, acrescidos de outros comprados de estancieiros castelhanos, para uma reprodução controlada. Assim nasceram as estâncias das reduções guaranis. Cada uma delas criou a sua própria, num espaço adequado, para o abastecimento dos seus moradores, usando sua própria mão-de-obra. Dessa forma se expandiu o território missioneiro sobre os campos do Rio Grande do Sul e da República Oriental do Uruguai. Em contraste com as estâncias dos colégios jesuítas das cidades da Argentina, especialmente da de Córdoba, que usavam mão-de-obra escrava e negociavam considerável volume de produtos no mercado da colônia (PAGE, 2004), às estâncias das reduções dos guaranis a administração colonial só autorizava cotas muito restritas para essa venda. Com isso, as estâncias, apesar de criarem grande número de animais, ficaram restritas ao abastecimento local e interno das reduções.

O trabalho apresenta o que sobrou de uma das várias estruturas de criação que existiam na Grande Estância da Redução de Yapeyú. O conjunto de vestígios está suficientemente preservado para fornecer uma visão do que teriam sido as estruturas físicas de uma estância jesuítica, as características de construção do prédio central, dos currais e dos poteiros e uma indicação de onde estariam arranchadas as famílias indígenas encarregadas do manejo do gado. Quantas seriam essas famílias e qual o

número de animais administrados os vestígios materiais não indicam. Para isso será necessário recorrer aos documentos escritos.

A estância foi criada na segunda metade do século XVII, com instalações simples e precárias e no fim do século alcançaria 80.000 cabeças de gado. As precárias estruturas seriam melhoradas e reconstruídas no segundo quartel do século XVIII, quando os povoados missioneiros conseguiram relativo bem-estar e se modernizaram. Os vestígios descritos correspondem à estrutura existente no último quartel desse século.

Em seu início, a estância fornecera animais caçados na Vacaria do Mar para várias reduções que não tinham criação própria. Depois passou a criar gado direcionado ao abastecimento de seu povoado e à comercialização de sobras autorizadas. Muitas centenas de milhares de cabeças de gado pastaram em seus campos e muitas famílias missioneiras ali estiveram arranchadas para seu manejo. A trajetória da estância estava ligada à de sua povoação mantenedora, com ela cresceu e com ela minguou. A população da povoação, que alcançara 8.510 habitantes em 1768, com a expulsão dos jesuítas, decaiu rapidamente, não passando de 4.669 habitantes, em 1802.

As ruínas que permaneceram não são vistosas, mas suficientes para testemunhar como teriam sido as estruturas de criação e manejo de gado para abastecer as reduções que os jesuítas mantiveram durante um século e meio junto aos guaranis da bacia do Rio da Prata.

Referencias bibliográficas:

BRUXEL, A. O gado na antiga Banda Oriental do Uruguai - I Parte. *Pesquisas, História* 13: 1-110. Porto Alegre: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1960.

BRUXEL, A. O gado na antiga Banda Oriental do Uruguai - II Parte. *Pesquisas, História* 14: 113-212. Porto Alegre: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1961.

CARBONELL DE MASY, R. La Génesis de las vaquerías de los pueblos Tapes y Guaraníes de la Banda Oriental del Uruguay a la luz de documentación inédita, apenas conocida. *Pesquisas, História* 27: 13-48. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisa, 1989.

CARBONELL DE MASY, R. *Estrategias de desarrollo rural en los pueblos Guaraníes (1609-1767)*. Barcelona: Antoni Bosh, Instituto de Cooperación Iberoamericana, Instituto de Estudios Fiscales, 1992.

FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus Pueblos de Guaranies*. Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1962.

MAEDER, Ernesto J. A.; GUTIERREZ, Ramon. *Atlas Histórico del Nordeste Argentino*. Resistencia, Chaco, Argentina: Instituto de Investigaciones Geohistóricas, Conicet-Fundanord, Universidad Nacional del Nordeste, 1995.

MÖRNER, Magnus. *Actividades políticas y económicas de los jesuitas em el rio de La Plata. La era de los Habsburgos*. Buenos Aires: Paidós, 1968.

PAGE, Carlos A. *La estancia jesuítica de Alta Gracia*. Córdoba: Universidad Católica de Córdoba, 2004.

SALIS, Eurico. *Rio Grande do Sul: o solo e o homem*. Porto Alegre: Edição do autor, 2013.

VADELL, Natálio Abel. *La estancia de Yapeyú: Sus orígenes y antecedentes, y la existencia de misiones de ese Pueblo en la Banda Oriental*. Buenos Aires: Ed. Direccion de Publicaciones Del Instituto Nacional Sanmartiniano, 1978.

VARGAS, José Afonso de. *A Estância Missioneira de Yapeyú. A Estância Santiago e o Passo do Aferidor*. São Leopoldo: Unisinos. Dissertação de mestrado em História, 2014.